

A prática de banda como instrumento de educação musical na sala de aula

Diego Coelho Adam

Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo/RS
diego.adam@bol.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo investigar os interesses, o entusiasmo e o aprendizado dos alunos nas aulas práticas de banda como alternativa de atividade nas aulas de Arte - Música no ensino formal dos anos finais da educação básica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Maria Gusmão Britto em São Leopoldo – RS. Foi utilizado a perspectiva de pesquisa participante qualitativa com observação como instrumento de coleta de dados. Os alunos responderam situações referentes ao ritmo, aos instrumentos, a comparação das aulas com os demais componentes curriculares, os aspectos positivos e negativos da prática instrumental, o expressar-se através da melodia rítmica, a relação com a Flauta Doce e as oportunidades que a prática proporciona. Pode-se salientar que a prática de banda propicia o aprendizado e desenvolve potencialidades com alunos mais motivados e interessados pelo componente curricular Arte – Música.

Palavras chave: Aula de Música; Banda; Prática instrumental.

Introdução

A rede municipal de educação de São Leopoldo - Rio Grande do Sul, desde 2006 conta no seu quadro de professores com licenciados em Arte - Música assegurados conforme a Lei 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação a qual “a critério das escolas e respectivos professores, é preciso variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro”. Com este artigo pretende-se discutir, a partir dos depoimentos dos alunos, a função da prática de banda como instrumento de Educação Musical nas aulas formais de Arte - Música na Escola Municipal Prof.^a Maria Gusmão Britto.

O objetivo desta pesquisa foi investigar com os alunos dos sextos anos do ensino fundamental os seus interesses, entusiasmos e aprendizados nas práticas instrumentais de banda como alternativa de atividade nas aulas de Música.

A relevância do tema proposto neste artigo cria a possibilidade de o aluno colocar em prática aspectos como a leitura rítmica, propriedades da música, andamentos, improvisos e técnicas de instrumentos de percussão como postura, o segurar das baquetas e a forma de produzir o som

de cada instrumento. Com o retorno formal do ensino da Música dentro do componente curricular – Arte, a banda pode ser uma alternativa viável e possível nas escolas que possuem os instrumentos deste tipo de formação. Há ainda, para as escolas que não possuam o instrumental sugerido, a possibilidade de confeccionar com materiais alternativos, recicláveis ou não.

No presente artigo foram relacionadas questões ao aprendizado, da leitura musical no instrumento, a mudança de ambiente da sala de aula, no qual o aluno permanece a maior parte do tempo, para a sala da banda, o aspecto prático/concreto diferenciando-se das aulas teóricas, bem como a realização em tocar um instrumento.

A História contempla a trajetória das bandas desde as grandes civilizações da antiguidade, pois essas têm participado de importantes momentos da vida social, estando presentes até os dias de hoje, sem deixarem de atuar. Segundo Bozzini (1998, n.15), “a longevidade dessa formação musical se deve a vários fatores, principalmente pela relativa facilidade de organização e o grande efeito sonoro produzido”.

Pereira (2003, p. 23), ressalta que “documentos do século XVI mencionam a existência de práticas musicais desenvolvidas por instrumentos de sopros e percussão e utilizavam o termo banda, algumas vezes intercambiados com o termo orquestra”. O autor ainda coloca que as bandas de escravos tiveram importantes contribuições para o desenvolvimento no Brasil Colonial:

No século XVII, a difusão das bandas de escravos pelas fazendas de açúcar cresceu e teve continuidade até o final do séc. XIX com a libertação dos escravos e o declínio das fazendas rurais devido à evolução das cidades. O segundo ponto importante é a existência de maestros estrangeiros e de músicos brasileiros, desenvolvendo seus estudos musicais em outros centros, inclusive europeus. (PEREIRA, 2003, p. 27).

No Brasil, as bandas escolares e fanfarras, surgiram de forma simples:

“No princípio, não se sabia por que os alunos queriam participar das fanfarras. Percebia-se, porém, que estavam interessados nelas. O objetivo das fanfarras era [...] dar cadência aos estudantes durante os desfiles. Depois os próprios colégios começaram a ser divulgados e promovidos através de suas fanfarras [...] O ritmo, que tinha como objetivo dar cadência aos estudantes em desfile despertou nos alunos o gosto pela música”. (SACCO, Antônio Domingos, *apud* REVISTA NOVA ESCOLA, 1972, p. 25).

Contribuíram para o embasamento deste trabalho, dentre outros autores, o pensamento e a análise de Barbosa (1998), Pereira (2003), Souza et al (2003) e Lorenzet; Tozzo (2009).

Tendo em vista que a prática de banda em sala de aula possui sua metodologia, emprega-se o termo banda que segundo o Minidicionário Aurélio (1999, p. 64), “pode ser aplicado a qualquer conjunto de instrumentos que tenha uma formação relativamente grande, mas, em sentido restrito, refere-se a um conjunto de instrumentos, basicamente os sopros, tais como as bandas militares e fanfarras” (nomenclatura de igual valor literal à banda). Da mesma forma, no Dicionário Grove de música, o termo *banda* significa:

Conjunto instrumental. Em sua forma mais livre, “banda” é usada para qualquer conjunto maior do que um grupo de câmara. A palavra pode ter origem no latim medieval *bandum* (“estandarte”), a bandeira sob a qual marchavam os soldados. Essa origem parece refletir em seu uso para um grupo de músicos militares tocando metais, madeiras e percussão, que vão de alguns pífaros e tambores até uma banda militar de grande escala. Na Inglaterra do séc. XVIII, a palavra era usada coloquialmente para designar uma orquestra [...] (DICIONÁRIO Grove de Música, 1994, p. 71).

Explica-se também a partir do mencionado que a palavra marcial utilizada pela Banda da Escola a qual é uma atividade extracurricular provém de marcha. Então, banda marcial é a banda de música que marcha. Atualmente, porém, a Fanfarra e a Banda Musical também marcham. Conhecida como banda de metais, o Dicionário Grove de música (1994) salienta: que banda marcial e a banda de música são:

Um tipo de banda de instrumentos de sopro, consistindo unicamente de instrumentos da família dos metais e, às vezes, percussão, que teve origem nos anos de 1820. (...) A banda de música ou banda de músicos era a denominação dos grupos de músicos soldados que tocavam os seus instrumentos durante as cerimônias civis ou militares (DICIONÁRIO Grove de Música, 1994, p. 71).

A banda marcial estudantil como afirma Lima (2007, p.21) em seu livro Banda Estudantil em um Toque Além da Música “é a banda que independente de sua formação instrumental situa-se em uma instituição escolar como atividade extraclasse de ensino informal com objetivos pedagógicos e sociais”. A atividade de bandas marciais escolares na educação musical bem como de sua implantação pode ir ao encontro da necessidade dela ser algo significativo para o aluno. “Afim

toda prática musical, seja ela o canto coral, a banda de música, o grupo instrumental, é muito bem vinda, desde que tenha sentido para o aluno e que o envolva afetiva e cognitivamente.” (BENEDETTI; KERR, 2008, p. 42 apud LORENZET; TOZZO, 2009, p.4893-4904).

Esse artigo constitui-se num estudo qualitativo realizado com as quatro turmas de sextos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Gusmão Britto dentro da pesquisa de campo e observação como o instrumento de coleta de dados. Para a realização da coleta de dados obteve-se informações espontâneas dos alunos interessados em manifestar suas opiniões e considerações através de uma única questão aplicada em cada uma das quatro turmas. Dessa forma, Bogdan; Biklen (1994) definem:

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos. (BOGDAN; BIKLEN 1994, p. 48).

A razão para a escolha desse método deve-se ao fato dos alunos envolvidos diretamente nessas aulas poderem esboçar suas opiniões, angústias e reflexões a respeito da prática de banda. Segundo Souza et al (2003, p. 65-75) “estes aspectos são muito complexos e incluem posições que não podem ser quantificados, que não se deixam medir em forma de testes”.

A coleta dos dados foi realizada então a partir da questão problema: “o que a prática de banda propicia para vocês nas aulas de Arte - Música? ” Os alunos foram respondendo espontaneamente, um de cada vez, enquanto uma aluna representante da turma redigia as respostas. Os alunos mencionaram o ritmo, os instrumentos, a diferença das aulas, os aspectos positivos e negativos destas, o expressar-se através da Música, a relação com a prática de Flauta Doce e as oportunidades que a prática proporciona.

Desenvolvimento e demonstração dos resultados

O método utilizado para a prática de banda em sala de aula foi o “Da Capo” – que é um método elementar para o ensino coletivo de instrumentos de banda. As aulas práticas de banda são realizadas na sala da banda marcial da escola. Na disposição dos instrumentos, os de timbres graves, como o Bombo e o Tambor, ficam ao fundo, no meio as Caixas Claras e na primeira fileira em frente ao quadro negro localizam-se os Pratos e os Pandeiros Meia-Lua. Os alunos tocam sentados, com exceção de quem está no Bombo que levanta ao tocar.

Lorenzet; Tozzo (2009, p. 4893-4904) citam que “para a organização do trabalho, segue-se uma ordem de passos no ensaio: distribuição de partituras, divisão por naipes ou grau de dificuldade que alguns apresentam em algumas músicas”. Observa-se que a forma tradicional se faz necessária, pois se garante mais ordem durante os ensaios.

Nas aulas de banda o aluno ao entrar na sala escolhe um dentre os cinco tipos de instrumentos disponíveis: Bombo, Tambor, Tarol, Prato e Meia-Lua. Após inicia-se a prática com aquecimento, em seguida exercícios com frases rítmicas juntamente com a técnica básica para cada um dos instrumentos, pequenas frases rítmicas transmitidas pelo professor através do exercício de ouvir-memorizar-reproduzir no instrumento, após a criação de frases por grupo e por último a improvisação, a partir da base rítmica sustentada pela turma a qual um aluno por vez improvisa dentro de um espaço/tempo pré-estabelecido. Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 76), define que “na aprendizagem, as atividades de improvisação devem ocorrer em propostas bem estruturadas para que a liberdade de criação possa ser alcançada pela consciência dos limites”.

Do total dos cento e vinte alunos das quatro turmas, trinta e dois alunos referiram-se ao ritmo como um desafio em manter-se no grupo, dezesseis alunos ressaltaram que o ritmo propicia o aprendizado, pois permite que todos toquem ao mesmo tempo, sem acelerar ou atrasar, vinte e oito alunos sentem a melodia diferente, só de ritmos percussivos, o que torna a aula mais divertida, quinze alunos relacionaram a atividade de banda com a Flauta, mas mencionaram positivamente que ao tocarem os instrumentos de percussão reforçam o ritmo e a leitura musical, dezessete os alunos que relataram a diferença da notação rítmica em relação à melódica utilizada pela Flauta em sala de aula.

Os alunos que não participam da banda marcial da escola, como atividade extraclasse, têm a oportunidade de entrar em contato com instrumentos diferentes dos que veem no dia-a-dia. Com isso, 12 salientaram que terão “base” para tocar outros instrumentos, fazendo-os entender mais sobre ritmo.

Dos cento e vinte alunos trinta e nove foram unânimes em afirmar que as aulas de banda são “mais legais” em relação às aulas da sala de aula de Música e do que qualquer outro componente curricular, com exceção da Educação Física. O estudo de Souza et al (2003) mostra que:

(...) aula de música escolar apresenta a falta de motivação, devido ao próprio sistema escolar, onde esta não é levada a sério como as outras matérias, num ambiente rígido. A aula parece ser pouco musical, com os seguintes conteúdos: teoria, história da música, notas, claves. Os alunos queriam mesmo tocar um instrumento, trabalhar um repertório mais atual e sentirem-se motivados e interessados pelas aulas. Souza et al (SOUZA et al, 2003, p. 68-75).

Com isso, segundo Souza et al (2003) faz-se necessário repensar o currículo escolar nos aspectos de hierarquização de conteúdos, legitimação de certos repertórios musicais e procedimentos metodológicos como o “tocar de ouvido”. Assim como a contribuição para ações práticas como a elaboração de currículos mais abertos para a música no ensino fundamental e médio, onde os alunos passam a ter mais interesse e motivação para a aprendizagem de música.

Outros treze alunos mencionaram que desconhecem escolas que ofereçam esse tipo de atividade nas aulas de Música, assim como a avaliação proposta, visto que a prática de banda também é avaliada, o aprendizado prático das propriedades da música como forte/fraco e lento/rápido, o conhecer o instrumento ou mesmo descobrir o “dom” escondido, estimulando assim um maior interesse em entrar para a Banda da Escola.

Em Louro; Souza (2008) é mostrada uma pequena parcela do que foi e poderá ser observado nesta prática pedagógico musical de banda, citando que o ambiente é rico em diferentes aprendizados, onde os jovens de uma determinada comunidade tenham a possibilidade de enriquecer suas formações, possam perceber que são capazes, e com isso tenham motivos para se orgulhar de si mesmos. Os alunos também puderam demonstrar a vontade de aprender, de fazer música, ser parte do grupo e mostrar o trabalho desenvolvido.

Lorenzet; Tozzo (2009) citam que alguns alunos adquiriram senso crítico quanto à valorização das bandas e do próprio talento. A motivação para a continuidade bem sucedida do trabalho ocorre devido ao conhecimento de sua potencialidade, a importância e ao encantamento do trabalho que realizam, e a responsabilidade que eles sabem que estão desenvolvendo.

Por sua vez, dezessete alunos citaram a liberdade de expressarem-se através da música pelo improviso, pois ao entrarem em contato com o instrumento sentem-se livres para produzir o som que vem na imaginação. O que foi observado no estudo de Lorenzet; Tozzo (2009), onde citam que os professores aplicam uma forma de ensinar que oportuniza a análise e a reflexão sobre a música ensaiada, vivenciando a música e fazendo com que os alunos busquem maneiras de se comportar musicalmente. Com isto ficam bem mais à vontade, ampliando seu universo musical, viabilizando diferentes performances e explorando suas habilidades para diversificação da profissionalização.

Ressaltaram também que há comunicação através da Música, pois se todos tocassem alto ninguém conseguiria entender. A alegria, a felicidade, e o orgulho são as emoções sentidas por estarem envolvidos durante a prática. Em Souza et al (2003) os jovens entrevistados citaram que:

A música é praticamente um elemento indispensável no seu meio ambiente e um meio de comunicação fundamental. O que traz para a aprendizagem de música o desenvolvimento das preferências musicais e a formação de determinados hábitos e comportamentos auditivos. (SOUZA et al, 2003, p. 68-75)

Por fim, cinquenta e um alunos relataram vários aspectos positivos e negativos da atividade da banda. O ajudar na concentração, a coordenação motora, a disciplina para com os demais componentes curriculares. O estudo de Lorenzet; Tozzo (2009) considerou que a disciplina se faz presente no ambiente de ensaio, assim como a concentração. Nas aulas de linguagem musical, que estão entre as atividades desenvolvidas na prática de banda, os alunos ganham noções de ritmo e história da música. Logo, percebe-se que os ensaios não se limitam ao aprendizado, mas a outros elementos que estão presentes na música, como cultura e reflexão.

O aprender sempre algo a mais, as músicas novas, a cultura musical e o complemento da atividade de banda em sala de aula para aqueles que já estão na atividade de banda marcial da escola foram os aspectos positivos relatados. Um dos pontos mais relevantes citados no estudo de

Souza et al (2003) refere-se à questão do repertório musical adotado nas aulas de Música escolar, que não inclui compositores contemporâneos dos vários gêneros musicais, gerando o desinteresse pelas aulas. Lorenzet; Tozzo (2009) afirmam que o repertório, selecionado pelos professores de banda, envolve formas e estilos variados, que vão desde o clássico até a MPB, visando a uma melhor profissionalização musical e, ao mesmo tempo, preparando os alunos para tocarem e se familiarizarem com diversos estilos. Já os aspectos negativos elencados foram a falta de concentração de alguns colegas que atrapalham os demais, a “tensão” do aluno devido a muitas informações para pôr em prática quase que simultaneamente e a desatenção de outros colegas que acabam errando e prejudicando outros colegas.

Considerações finais

Com esse artigo pode-se salientar que a prática de banda no componente curricular propicia aos estudantes momentos prazerosos, felizes, com alunos mais motivados e interessados com mais ensinamentos da Arte – Música na escola. Além de desenvolver outros aspectos como a capacidade de concentração, faz com que suas competências e habilidades musicais também reflitam em possíveis resultados significativos em sua vivência musical. Portanto, espera-se que esse breve estudo contribua para o ensino da música na escola com o aproveitamento e/ou criação dos recursos materiais disponíveis, enriquecendo a educação musical nos anos finais da educação básica brasileira.

Referências

BARBOSA, Joel. *Da Capo: Método elementar para o ensino coletivo e individual de instrumentos de banda*. Belém: Fundação Carlos Gomes, 1998.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

BOZZINI, Angelino. Fanfarra, a mestra: a importância das fanfarras na formação do indivíduo. *Dicas e Técnicas do Informativo Weril*. São Paulo: [s.n.], n. 118, ano 20, 1998, suplemento n. 15.

DICIONÁRIO *Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

LORENZET, Simone; TOZZO, Astrit Maria Savaris. *Bandas Escolares*. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação Curitiba: PUCPR, 2009, p. 4893 - 4904.

LOURO, Marco Antônio; SOUZA, Clarice. *A Prática dos Regentes de Bandas Escolares na Cidade de Rio Grande – RS*. In: Anais do XVII Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPEL, 2008.

MINIDICIONÁRIO *Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 76.

PEREIRA, José Antônio. *Banda de Música: retratos sonoros brasileiros*. São Paulo: [s.n.], 2003.

REVISTA NOVA ESCOLA: *Fanfarra: ritmo e melodia sem erudição*. São Paulo, n. 4, p. 25-27, jun. 1972.

SOUZA, Jusamara et al. *Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock*. Per Musi. Belo Horizonte, v. 7, p.68-75, 2003.